

UMA HISTÓRIA DE AMOR REBEL BLUE • LIVRO 2

LYLA SAGE

TODA PRA MIM



LYLA SAGE

TODA PRA MIM

Tradução
DANDARA MORENA

**PA
RA
LÉ
IA**

*Este livro só poderia ser dedicado a você, querido leitor,
por correr ao meu lado enquanto persigo meus sonhos.*

E para Corrine, o “meu bem” de Leo.

*Nossos pores do sol cintilam com cor,
E, no amanhecer perolado da manhã,
O aroma pungente de sálvia flutua,
Numa brisa que nasce na montanha.*

Juanita Leach, poeta caubói dos anos 1940,
“Essa terra esquecida por Deus”

Um



ADA

Já conheci muitos mentirosos, mas nenhum tão grande quanto o Google. Não estou tentando desqualificá-lo, mas querendo chamar atenção para as suas imprecisões mais irritantes. Nesse caso, me dizer que o bar no qual estava sentada — porque era o único estabelecimento na cidadezinha de Meadowlark, Wyoming, aberto depois das dez numa noite de domingo — servia comida.

Não servia.

O gráfico estúpido de horários de pico do Google também me disse que o Bota do Diabo — não tenho certeza de que o nome do bar realmente seja esse, já que não há placa em lugar nenhum que indique isso — não estava cheio.

Estava.

Não insanamente cheio, mas o bastante para, no mínimo, ganhar uma designação “mais movimentado do que o normal” no Google.

Também tinha um grupo de homens velhos muitos ruidosos no bar. O Google não poderia ter me dito isso, mas, se tivesse

alguma imagem desse lugar no perfil da empresa, eu provavelmente teria deduzido sozinha.

E evitado o Bota do Diabo completamente.

Google idiota.

O lugar era igualzinho à imagem que eu tinha de um bar de cidade pequena. Tocava country clássico num jukebox, o odor era de cigarro velho, e havia uma quantidade excessiva de letreiros de neon nas paredes, além de manchas no chão nas quais minhas botas grudavam enquanto eu andava.

Não sou esnobe. Não tenho nada contra um bom bar clássico. Só não achei que acabaria sentada num. Não hoje.

Quando saí de San Francisco no dia anterior e iniciei o caminho até Wyoming, um bar teria sido o último lugar que eu me veria visitando na véspera de começar o maior trabalho da minha carreira.

Só que eu estava com fome, e não tinha wi-fi bom no hotel pequeno e estranhamente pitoresco em que eu me hospedaria essa noite, então saí em busca de alimento e de acesso à internet, mas só achei um dos dois. Que tipo de bar de esquina não tem comida, mas tem bom wi-fi?

Do tipo que tinha um barman muito alto e gato que ficou com pena de mim quando perguntei da comida e pegou um pacote de Doritos de trás do balcão e me entregou junto com meu uísque e minha coca zero. Não questionei por quanto tempo o salgadinho tinha ficado guardado ali — não queria saber —, mas dava para ter uma ideia, já que as tortillas estavam quase moles. O gosto fazia parecer que o saco estava aberto já fazia algum tempo, embora ainda estivesse lacrado.

Então escolhi uma mesa alta no canto para ficar. Na parede atrás dela, havia um letreiro de neon de um caubói montado numa garrafa de cerveja como se fosse um touro. O ridículo disso fez os cantos da minha boca se curvarem, e gostei da sensação.

Sendo sincera, eu não sabia se comer os Doritos tão idosos que provavelmente poderiam descer pela frente no ônibus era melhor do que não comer nada, mas ali estava eu, comendo tudo.

Limpei as migalhas de queijo nacho dos dedos para não sujar a tela do meu iPad. Eu tinha aberto os e-mails trocados com Weston Ryder, checando de novo a hora em que eu deveria chegar ao Rancho Rebel Blue na manhã seguinte e garantindo que eu tivesse o mapa baixado no celular, só por segurança.

Essa era eu, Ada Hart, sempre preparada.

Não sabia muito sobre o Rebel Blue, só o que a Teddy havia me contado nos últimos meses. Eu a conheci no primeiro ano da faculdade. Estudamos juntas no Colorado — no meu primeiro ano, pelo menos. Depois disso, acabei pedindo transferência para ficar mais perto de casa.

Voltar para casa era agora uma decisão da qual eu me arrependia profundamente, porque isso havia me levado ao que seria para sempre conhecido por mim como o “incidente”, também conhecido pelos outros como meu casamento.

Balancei a cabeça para afastar os pensamentos *disso e dele*.

Depois que saí de Denver, mantive contato com a Teddy — na maior parte pelas redes sociais — e estava grata por isso. Ela que me indicou para Weston, que eu acreditava ser o dono de

Rebel Blue, mas não tinha certeza. Ao jogar no Google — de novo, estúpido Google —, só aparecia a informação de que era um rancho de gado e que tinha quase oitenta mil acres.

Acho que podia ter perguntado pra Teddy, mas não quis perturbá-la. Ela já tinha feito muito por mim.

Eu não conseguia visualizar oitenta mil acres. *Enorme pra cacete* era no que eu estava pensando quando ouvi um dos homens velhos perturbar o barman.

— Que tipo de bar fica sem gelo? — grunhiu ele, incrédulo.

— O tipo que tem um monte de homem velho miserável que bebe uísque igual água — rebateu o garçom. Olhei para eles. O barman estava com um sorrisinho no rosto, então ele não devia estar muito irritado com os ataques. — Gus está trazendo um pouco, então faça essa bebida durar mais dez minutos. — Ele apontou para o copo na frente do homem, que bufou de volta.

Senti meu celular vibrar na mesa e o peguei.

TEDDY

Oi! Chegou bem?

ADA

Sim, só tô fazendo algumas preparações pra amanhã.

TEDDY

MARAVILHA.

Vai ser muito divertido.

Vou passar aí esta semana.

Mal posso esperar pra te ver brilhar!

Vi que também tinha recebido uma mensagem do meu parceiro de negócios, Evan — o empreiteiro —, e uma da minha mãe, que com certeza dizia que eu estava desperdiçando meu tempo em Wyoming.

Talvez estivesse, mas, por algum motivo, achava que não.

Deslizei o celular de volta para a mesa e o virei com a tela para baixo. Precisava focar. Durante os últimos quatro meses, eu tinha trocado centenas de e-mails com Weston. Discutimos sua visão para o projeto, decidimos o cronograma, a equipe e os custos. As pessoas sempre achavam que derrubar paredes era o primeiro passo, mas na verdade era o trecentésimo passo. Eu estava repassando o passo um até o passo 299 quando uma bola gigante de pelo branco apareceu nos meus pés.

— Waylon! Caramba! — Ouvi o barman gritar.

Presumi que Waylon fosse o cachorro que estava sentado aos meus pés me encarando com a língua pendurada e um olhar desvairado.

Um anjo.

Eu me abaixei e dei uma coçadinha na sua cabeça macia e peluda. Uau, poucas horas em Meadowlark, e esse lugar já arrancava sorrisos de mim em velocidade recorde.

— Tá de brincadeira? — Escutei o barman reclamar. — Quem traz o cachorro pra um bar?

Ergui o olhar bem quando um homem passou pela porta.

Caramba. O que estão colocando na água de Meadowlark?

Eu conseguia ver que ele não era tão alto quanto o barman, mas quase. Sua camisa de flanela aberta cobria uma camiseta

branca grudada no peito. Meus olhos deslizaram de cima a baixo, até chegarem em suas botas de caubói desgastadas.

Talvez fosse porque fiquei por muito tempo rodeada de caras de tecnologia vestidos de colete de nylon, mas esse homem estava causando algo em mim.

De cara apostei que ele tinha mãos ásperas. Mãos de trabalhador. E por uma fração de segundo imaginei qual seria a sensação se ele as arrastasse por meu corpo.

Não. Não. De jeito nenhum, não.

Você não vai começar.

Não estava disposta a fantasiar com o caubói misterioso num barzinho escuro de esquina — por mais gato que ele fosse.

Estava ali para trabalhar.

Fui trazida de volta à realidade por meu novo amigo peludo lambendo minhas mãos — devia estar sentindo o gosto dos Doritos idosos.

Não consegui deixar de ouvir a conversa entre o barman e o caubói. Escutar conversa alheia era um dos meus hobbies favoritos.

— Que tipo de bar fica sem gelo? — soltou o caubói para o barman.

O grupo de homens velhos gritou em concordância.

— Cadê seu irmão? — perguntou o barman.

— Ocupado. — O caubói deu de ombros.

— Cadê meu gelo?

— Caminhão.

— Você não podia trazer?

— Achei que você podia fazer essa parte.

O barman balançou negativamente a cabeça, mas saiu de trás do balcão e passou pela porta. Era óbvio que havia algum tipo de laço entre aqueles dois. Não deviam ser irmãos — não se pareciam —, mas com certeza tinha alguma coisa.

Não irmãos, mas, sem dúvida, amigos.

— Pega seu cachorro — pediu o barman enquanto saía. — Por favor.

Os olhos do caubói começaram a vasculhar o bar, provavelmente procurando o cachorro, mas pararam bem em mim. Cujas mãos estavam recebendo uma lambida completa. E que o encarava descarada e ousadamente.

Deveria ter desviado o olhar, mas não o fiz.

Não conseguia ver de que cor eram seus olhos, e queria saber.

Nós nos encaramos por muito mais tempo do que era aceitável socialmente, e ele me lançou um sorrisinho que insinuou uma covinha em cada lado do seu rosto.

Ah, não, covinhas não.

Deveriam ser ilegais.

Ou, pelo menos, requerer algum tipo de aviso antes de aparecerem na frente das pessoas.

Aviso: Covinhas podem aparecer e causar excitação.

Parecia que ele ia vir em minha direção, mas nossa troca de olhares estranha e intensa foi interrompida pelo barman colocando um cubo de gelo nas costas do caubói.

Ele emitiu um som tão pouco viril que me fez rir. Todo mundo é gostoso e fodão até ter um cubo de gelo por dentro da camiseta.

— Brooks! Que merda é essa?! — exclamou ele, fazendo uma espécie de dancinha enquanto tentava tirar. Foi fofo.

Muito fofo.

O barman — Brooks — apenas riu enquanto voltava para trás do balcão segurando um saco de gelo, e disse:

— Pega seu cachorro e deixa você ficar para uma bebida.

O caubói arrumou a camisa e passou a mão pelo cabelo castanho-claro.

— Tá.

Ele deu um passo em minha direção, com seu olhar implacável de novo. Por que ele estava se aproximando de mim?

Uma língua quente lambeu minha mão de novo.

Ah. O cachorro. Verdade.

Abaixei o rosto, interrompendo o olhar. Eu tinha que fazer isso. Não poderia ser responsabilizada por qualquer coisa que acontecesse se continuássemos nos olhando por mais tempo. Tinha algo nisso — a confiança que isso comunicava — que dava uma sensação eletrizante.

— Desculpa por ele. — Sua voz estava próxima de mim agora. Meu companheiro felpudo balançou o rabo quando os passos do tutor se aproximaram. — Ele tem uma queda por mulheres bonitas.

Ergui os olhos, e mais um sorriso foi arrancado de mim, mas aquele era direcionado para o homem que estava agora a menos de dois passos de mim.

— Essa cantada já funcionou pra você? — perguntei com uma risada. Minha voz parecia estranha, não muito

confortável. Igual à primeira fala de uma pessoa que acabou de acordar.

— Me diz você — respondeu. Seus olhos brilhavam. E eram verdes. *Muito* verdes.

— Nada mal — comentei —, mas acho que o jeito de dar a cantada pode melhorar.

As covinhas apareceram mais uma vez.

— Como?

— Você tem que ser sincero — falei.

Sua expressão mudou. Ele parecia confuso.

— Claro que fui sincero.

Hum. Ele era muito convincente. Talvez se eu tivesse tido experiências melhores com homens, teria acreditado nele.

— Ei. — A voz de Brooks cortou nossa conversa, e o caubói olhou para ele. — Garrafa ou dose?

Em vez de responder, o caubói olhou para a minha mesa — o iPad deve ter deixado claro que eu estava trabalhando em algo, porque, em vez de tentar se sentar, ele olhou para o cão e falou:

— Vamos deixar essa mulher linda trabalhar, Waylon. — O cachorro obedeceu e foi até o tutor, cujos olhos estavam voltados para mim. — Vou estar no balcão quando você acabar, se quiser companhia.

Calma. Ele não vai me pressionar? Tentar invadir meu espaço? Apenas vai... me deixar trabalhar?

Caramba. Talvez os homens fossem fabricados de forma diferente em Meadowlark.

O caubói me deu um último sorriso com covinhas antes de voltar para o balcão. Meu novo amigo, Waylon, o seguiu.

Eu o observei se afastar, e me esforcei para desviar o olhar das suas costas.

Tentando voltar para a tarefa, balancei a cabeça um pouco — como se estivesse tentando sacudir cada pensamento sobre aquele desconhecido atraente.

Foi bom ser notada por ele — ser o objeto do seu olhar. Depois do meu divórcio, minha autoestima tinha ficado bem baixa. Até mesmo naquele momento, mais de um ano depois, não estava ótima.

Então eu não podia negar que gostava de ter alguém me olhando como se eu fosse a única pessoa do lugar.

Meu ex-marido nunca havia me olhado daquele jeito.

Bem, *essa* era uma linha de pensamento com a qual não ia lidar hoje. Tratei de afastá-la e voltei para meu iPad, no qual notei um novo e-mail do dono de Rebel Blue.

Ada,

Espero que a viagem tenha sido boa e que tudo tenha ocorrido sem problemas. Estou empolgado para conhecê-la e começarmos amanhã.

Abraços,

WR

Enviado do celular

Dois



ADA

Olhei a hora: dez e trinta e dois da noite. Passaram duas horas desde que havia chegado ao bar. Eu ia encontrar Weston às nove e meia da manhã, então precisava voltar logo para meu hotel. Voltei a repassar meu trabalho, certificando-me de que não estava deixando de lado nenhum arquivo ou informação importante que precisava revisar com Weston no dia seguinte.

Depois que me ocupei da tarefa, foi mais fácil não pensar no caubói sentado no balcão, mas não consegui me livrar totalmente do pensamento. Toda vez que eu erguia o olhar, os olhos dele estavam em mim. Várias vezes trocamos olhares por um segundo longo demais, e então eu voltava ao trabalho.

Era um ciclo aparentemente inofensivo, mas que me deixava excitada.

Não sabia bem por quê, mas estava... atraída por ele. A maneira como ele brincava com o barman, o fato de os homens velhos no bar darem tapinhas ocasionais nas suas costas, e o modo como ele mantinha a mão no cachorro... Tudo isso me fazia imaginar quem era esse homem e como ele era à luz do dia.

Estava curiosa.

Foi por isso que fiz o que fiz.

Pelo menos é o que diria a mim mesma mais tarde.

Terminei meu trabalho, juntei minhas coisas e as enfiar na bolsa. Não precisava erguer a cabeça para saber que os olhos dele ainda estavam em mim, mas o fitei mesmo assim — bem quando ele dava um gole de cerveja.

Ficamos nos encarando de novo enquanto eu me levantava. Seus olhos me seguiram, e torci para que seu corpo também me seguisse. Não sabia o que tinha dado em mim, mas não queria lutar contra isso.

Quebrei o contato visual quando me aproximei da saída, mas, enquanto caminhava, podia sentir os olhos dele nas minhas costas. Em vez de sair, virei no corredor antes da porta.

Ada, que porra você está fazendo?

Está mesmo convidando um estranho para segui-la por um corredor escuro de um bar sujo? É isso que está fazendo?

Sim, era isso o que eu estava fazendo.

Parei quando cheguei a uma porta no meio do corredor e me encostei nela. Esperei para ver se ele viria até mim.

Ele veio.

Sua sombra apareceu na entrada do corredor, e meu coração acelerou no peito como se estivesse tentando fugir.

Eu podia sentir seus passos enquanto se aproximava, porque, conforme vinha na minha direção, o mundo que eu conhecia estava tremendo e desmoronando para abrir caminho para ele.

Para algo novo.

Ele parou a alguns passos de mim, e seus olhos verdes cortaram a escuridão. Estavam ardentes enquanto me embeveciam, mas também estavam preocupados, talvez?

Então éramos dois.

— Você está bem? — perguntou o estranho, sem desviar o olhar. Ele estava perto agora, então tive que inclinar o pescoço para encará-lo.

Dei um passo na direção dele e assenti. Não confiava na minha voz. Ela me entregaria. Diria a ele que eu não estava bem, e aquele transe em que nós dois estávamos se desfaria.

Não queria isso. Queria algo novo.

Queria ele: o homem que me olhava como se eu fosse digna de ser olhada.

— Tem certeza de que...

Eu o interrompi quando segurei a gola da camiseta dele, fiquei na ponta dos pés e puxei sua boca para a minha.

Ele ficou imóvel, atônito, mas apenas por um segundo antes de levar uma mão para segurar meu rosto e a outra para se entrelaçar no meu cabelo.

Disso, pensei. Preciso disso. A mão em meu rosto era áspera, bem do jeito que imaginei que seria, mas ele era suave — como se estivesse saboreando o momento.

Minha boca se moveu contra a sua, e ele arrastou a mão que estava no meu rosto pela lateral do meu corpo para apertar meu quadril. Sua mão deixou um rastro de eletricidade para trás. Era como se eu pudesse sentir o ar crepitando ao meu redor.

Eu precisava ficar mais perto dele.

Soltei a bolsa e envolvi o pescoço dele com minhas mãos, enquanto ele me empurrava contra a porta com uma força deliciosa. Pensei que minha cabeça fosse bater na porta, mas a mão que estava no meu cabelo a protegeu, garantindo que não a atingisse. Em seguida ele usou essa mão para agarrar as minhas e prendê-las acima da minha cabeça.

Nossos corpos estavam excitados e nossas línguas se entrelaçavam. Quando ele mordiscou gentilmente meu lábio inferior, não consegui evitar um gemido e torci para que o som fosse abafado pelo jukebox.

Sua outra mão saiu do meu quadril para minha bunda, e ele deslizou a mão para o bolso de trás da minha calça jeans.

— Tudo bem fazer isso? — ele perguntou diante de minha boca.

— Mais — soltei, ofegante. Ele apertou minha bunda. Com força.

— Porra, quem é você e o que está fazendo comigo? — grunhiu.

Meu quadril rebojava involuntariamente, querendo mais, e pude sentir seu pau duro sob a calça. Quando fora a última vez que eu tinha excitado alguém? Quando fora a última vez que *eu* fiquei excitada?

Uma tosse alta veio do final do corredor, e nós dois congelamos. Ergui o olhar para o caubói, que manteve os olhos em mim antes de soltar minhas mãos e se virar para falar com o intruso.

— Preciso entrar no meu escritório, se não se importarem.

Era Brooks. O barman. Ele parecia estar sorrindo, mas não o olhei para confirmar. Minhas bochechas estavam quentes, e eu quis me rastejar para debaixo de uma pedra e nunca mais sair.

Isso foi tão estúpido. Eu era tão estúpida.

Sempre fiz isso. Não importava o quanto tentasse, não conseguia me livrar completamente da parte de mim que prosperava em decisões precipitadas e impulsivas. Decisões impulsivas por si só não eram o problema. Tenho certeza de que algumas pessoas tomam decisões ótimas, mas eu não era uma delas. Quando eu tomava uma decisão impulsiva, em geral acabava pagando um bom tempo por ela — meu casamento fracassado era o exemplo principal desse fenômeno.

— Mas vocês podem continuar na outra parede — continuou o barman.

Ai, Deus. Isso era muito constrangedor. Eu não ia aguentar.

Então fiz o que tinha vindo fazer em Wyoming.

Fugi.

Três



WES

Encarei a bolsa no balcão da cozinha do Casarão. Era minha única prova tangível de que a noite anterior tinha realmente acontecido — meu próprio sapato de cristal ou algo do gênero.

A mulher do bar não saía da minha mente. Eu não havia dormido nada. Fiquei a noite toda pensando nela.

Quem era?

De onde tinha vindo?

Por que não fui atrás dela depois que ela me beijou?

Brooks era a resposta para a última. Depois que ela saiu correndo, ele ficou parado no corredor do Bota do Diabo me bloqueando com um sorriso idiota e petulante no rosto.

— Sinceramente, as coisas que encontro neste corredor pararam de me surpreender há muito tempo — disse ele. — Mas isso? Eu não esperava.

— Cala a boca — respondi. Não me importei com o fato de ele ter acabado de me ver imprensando uma mulher contra a porta, ficando a cada segundo mais desesperado.

— Você sabe pelo menos o nome dela? — perguntou. Não, eu não sabia seu nome.

Mas queria muito saber.

— Juro por Deus, se contar isso pra Emmy, soco sua cara — falei, embora não fosse fazer isso. Mas foi a única ameaça em que consegui pensar na hora. Tacar fogo nele pareceu muito agressivo. Eu também sabia que ele certamente contaria para Emmy.

Acho que aqueles dois não tinham mais segredo entre si a essa altura.

— Já levei um soco no rosto de um Ryder, isso não me assusta.

Lembrei de quando meu irmão mais velho, Gus, deu um soco na cara de Brooks ao saber que ele e nossa irmã caçula, Emmy, estavam se encontrando sem que soubéssemos.

Brooks e Gus eram melhores amigos, então o som daquele soco provavelmente foi ouvido por toda Meadowlark. Demorou um pouco, mas agora eles estão bem. Apesar de eu saber que Gus ainda se sentia muito culpado por isso.

— Falando nisso, não conte pro Gus também.

A última coisa de que eu precisava era meus irmãos implicando comigo por ser pego dando um amasso numa garota no bar como se eu fosse um menino de vinte e um anos com tesão.

— Tá bom, vamos fazer um acordo. — Seu sorriso ficou maior. — Só conto pra Emmy, e ela provavelmente vai contar pro Gus.

— Como isso é um acordo? — perguntei.

— Porque eu não vou contar pra ele.

— Você é irritante, sabia?

Ele só deu de ombros. Naquele momento, peguei a bolsa que a mulher tinha deixado no chão do corredor sem saber o que faria com ela, mas não quis deixá-la ali.

E por isso estava no balcão da minha cozinha.

E eu ainda não sabia que merda eu ia fazer com ela.

Podia perguntar a Emmy. Ou Teddy.

Na verdade, esquece isso, com certeza não Teddy. Ela nunca mais esqueceria. Emmy deixaria pra lá depois de um tempo. Teddy comentaria no meu funeral. Desde que chegou em Meadowlark com o pai quando tinha alguns meses de vida, Teddy era a melhor amiga da minha irmã. E era uma implicante notória, o que eu gostava quando seu foco estava em outras pessoas, mas eu não precisava que viesse atrás de mim.

Lembrei da maneira como a mulher misteriosa agarrou minha camiseta. Ela era tão... ousada.

Muito excitante.

E o modo que gemeu quando mordisquei seus lábios? Caramba. Eu posso ter me empolgado, mas tudo naquele momento teve uma sensação *boa* demais. O som grave saindo do jukebox, o corredor escuro, minha mão na sua bunda.

Senti meu jeans estufar.

Coloque a cabeça no lugar, Ryder. Você tem um dia importante. Não pode ficar excitado do nada.

Meus sonhos se tornariam realidade hoje. Só para informar, meu sonho não era ficar excitado do nada.

Era tecnicamente o primeiro dia do Projeto do Hotel-Fazenda Rebel Blue. Na minha cabeça eu me referia a ele como

Projeto Bebê Blue, mas não ia contar isso para ninguém. Por mais que fosse o primeiro dia em que a designer, Ada, viesse, estávamos trabalhando juntos por e-mail desde outubro.

Olhei para o relógio do fogão — evitando ver a bolsa de novo. Eram seis e meia. Eu tinha três horas antes de Ada chegar. E a sensação era de que seriam as três horas mais longas da minha vida.

Esperei o inverno todo, e agora estava na reta final.

Tínhamos um monte de gado perto da entrada de Rebel Blue, então, naquela manhã, alguns dos funcionários do rancho e eu os levaríamos para outro local. Pelo menos eu não passaria as horas esperando sentado.

A expectativa estava acabando comigo.

Quando meu pai e Gus finalmente concordaram com o hotel-fazenda, senti que era mais do que apenas o fato de eles confiarem uma grande responsabilidade a mim.

A sensação era de que me viam.

Entre Gus, o filho mais velho durão, mas também dedicado, eficiente e trabalhador, e Emmy, a determinada e campeã de corrida de três tambores, mas também gentil e atenciosa, era fácil se perder. Eu não tinha um identificador como eles.

Eu era apenas Wes.

E tudo bem. Eu não me importava, mas estava empolgado para ter algo meu.

Escutei o assoalho atrás de mim ranger.

— Como está se sentindo sobre hoje? — Ouvi a voz grave de Amos Ryder soar atrás de mim.

— Bem — respondi. — Parece estranho que finalmente chegou o dia.

Meu pai deu a volta no balcão da cozinha e parou à minha frente. Estava usando sua calça jeans clássica e camisa abotoada de algodão. Antes de começar o trabalho, ele sempre arregaçava os punhos da camisa, por isso era possível avistar as tatuagens desbotadas de andorinhas em seus antebraços.

— Que horas a designer chega? — perguntou.

— Nove e meia. O senhor vai voltar pra cá ou quer encontrar a gente no local? — perguntei.

— Vou encontrá-la aqui — respondeu enquanto dava um gole no café, sem deixar esfriar. Eu não sabia como ele o bebia ainda fervendo. — É seu projeto, Weston. Não precisa que eu esteja no local. Você consegue.

Se havia uma coisa que Amos Ryder sempre fazia era acreditar nos filhos. E em Brooks também, acho. E nós nem fizemos nada para ganhar seu apoio incondicional. Ele só era assim. Bem, imagino que alguns pais sejam desse jeito. Mas mesmo assim.

Eu estava morrendo de medo de decepcioná-lo.

Passei uma mão no rosto.

— Eu sei. É que... — Pausei por um instante, tentando pensar em como verbalizar meus pensamentos. Sempre fui o segundo em comando; terceiro, tecnicamente. Vivia à sombra de Gus, sabendo que ele acabaria comandando o rancho um dia. Nunca fiz nada sozinho. — É muito importante. — Foi o que resolvi dizer.

Meu pai assentiu. Acho que compreendeu a parte da qual não falei.

— O que é isso? — perguntou, gesticulando para a bolsa na bancada.

Eu não queria muito contar para meu pai como aquela bolsa estava comigo, então só respondi:

— Uma amiga deixou no bar ontem à noite.

Amos ergueu as sobrancelhas em sinal de dúvida.

— Uma amiga?

Engoli em seco.

— É. Eu trouxe pra casa porque não queria que ela ficasse permanentemente com cheiro de fumaça de cigarro — expliquei, torcendo para soar desinteressado.

Meu pai estreitou os olhos, só um pouquinho, antes de balançar a cabeça e dar outro gole no café.

— Vocês três precisam aprender a mentir melhor.

Quatro



ADA

Já tomei muitas decisões idiotas na vida — decisões idiotas *mesmo* —, então era de esperar que eu tivesse entendido que decisões idiotas têm consequências.

Por exemplo: se você escolher se casar com um babaca, seu casamento vai ser uma merda. Se escolher não comer nada além de Doritos velho no jantar, você provavelmente vai acordar com fome. E essa é a minha nova favorita: se decidir de forma impulsiva beijar um estranho num bar de Wyoming, vai perder seu iPad.

Do qual precisa. Para seu trabalho. Que começa hoje.

Maravilha.

Agora eu tinha de aparecer no primeiro dia do meu maior trabalho até então sem meu *planner*, sem renderizações, esquemas de cores, planilhas de produtos e basicamente tudo o mais de que eu precisava. Porque eu não só deixei minha bolsa no bar depois de beijar um estranho, como também a deixei num bar que não tem sequer número de telefone. O que, sinceramente, parece um pouco ilegal.

Mas o odor de fumaça de cigarro que saía do meu cabelo me avisava que o Bota do Diabo não se importava muito com a legalidade de ter um número de telefone.

Portanto, além de parecer uma idiota no meu primeiro dia, teria que voltar à cena do crime e correr o risco de esbarrar com o lindo caubói desconhecido, o que me levaria a outra decisão idiota.

Porque... caramba.

Eu não conseguia tirar aquele beijo da minha cabeça. Sonhei com o que teria acontecido se o barman não tivesse nos flagrado. Será que ele teria continuado? No meu sonho, ele deslizava as mãos ásperas por debaixo da minha blusa para cima e para baixo. Eu desafivelava seu cinto. Ele me erguia do chão. Eu envolvia as pernas na sua cintura. Ele me prendia contra a parede e...

— *Latte* com dose de baunilha em dobro para Ada. — A voz da barista me tirou da fantasia inapropriada para as nove horas da manhã.

Certo. Café. Era isso o que estava fazendo. Não sendo pressionada na parede por um caubói gato num bar escuro.

O que era uma pena, mas talvez fosse melhor assim.

Fui até o balcão, peguei meu *latte* e falei um rápido obrigada para a barista. Ela me olhou por um tempinho a mais, como se não conseguisse entender por que eu estava ali. Os olhares na cafeteria também se demoravam um pouco em mim. Era como se eu estivesse usando uma placa de neon gigante dizendo NÃO SOU DAQUI.

Nunca tinha percebido o quanto era grata por cafeterias drive-thrus até aquele momento, mas mesmo assim eu precisava admitir que aquele lugar era fofo. E também se chamava Grão. Incrivelmente adorável.

Assim que saí, tirei uma foto rápida do meu copo de café com as montanhas de fundo para publicar nas redes sociais com a legenda: “Dia 1. Novo projeto em breve”.

Comecei a @lareondeseucoracaoesta depois de ser reprovada no meu curso de design de interiores. Sinceramente, não fui feita para instituições de ensino. Começar meu próprio negócio me ajudou a perceber que isso não era problema — só porque eu não era boa na faculdade não significava que não poderia ser uma boa designer e que não poderia aprender meu ofício num tipo diferente de sala de aula.

O que começou com um trabalho voluntário para organizar os armários das pessoas se transformou em algo do qual eu me orgulhava.

Pena que eu era a única na minha vida que se orgulhava.

Ainda assim, a comunidade que construí no meu perfil era uma das minhas coisas favoritas. Havia pessoas lá fora que nem me conheciam e gostavam de acompanhar meus projetos.

E eu tinha a sensação de que esse superaria tudo o que eu já havia feito.

Meu Honda Civic 1993 vermelho me esperava no estacionamento. Sendo sincera, fiquei surpresa de ele chegar a Wyoming inteiro. Eu deveria ter mais fé nele. Depois do divórcio, foi o único carro que pude bancar. Ele tinha seus defeitos. O fluido da direção hidráulica vazava, então eu

precisava enchê-lo uma vez por semana para conseguir dirigir. Também não tinha ar-condicionado. Mas era a única coisa que nunca tinha me deixado na mão.

Sentei no banco do motorista e abri o mapa para Rebel Blue no celular. Graças a Deus eu o tinha guardado no bolso, e não na bolsa. Não sabia bem como ia encarar o dia sem meu iPad, mas, àquela altura, não tinha escolha.

Se brincar com fogo, vai se queimar, Ada. E a queimadura seria parecer uma idiota no primeiro dia do trabalho novo.

O Google Maps dizia que Rebel Blue ficava a mais ou menos vinte minutos do centro da cidade. Eram nove horas, então eu estava com pouco tempo.

Você nunca me veria indo a lugar algum sem me adiantar pelo menos dez minutos.

Eu preferiria que fossem quinze minutos, na verdade, mas o café foi uma parada necessária.

Tirei um instante para me olhar no retrovisor. A primeira coisa que percebi foi que eu aparentava estar cansada. As olheiras não estavam me ajudando.

Rancho Rebel Blue, aqui vou eu.

Cresci na Califórnia, então montanhas não me eram estranhas, mas eu nunca tinha visto iguais a essas. Minhas montanhas eram na maioria secas, sem graça e marrons. Além do mais, eu tinha crescido nos subúrbios de San Francisco — não no coração do Velho Oeste. As estradas sinuosas que levavam a Rebel Blue foram construídas no que parecia ser a entrada para outro universo. Era início de abril, logo, ainda havia uma boa quantidade de neve acumulada, especialmente

no alto. O branco intenso da neve contra o céu azul ficava incrível.

Juro que o céu azul de Wyoming era bem maior do que o da Califórnia.

Meus pontos favoritos eram os locais onde a neve tinha derretido o suficiente para conseguir ver os verdes e marrons sob ela. Parecia uma promessa de que nenhum inverno poderia durar para sempre.

Nossa, era uma loucura o que essas montanhas estavam fazendo comigo. Uma vista bonita, e eu estava contemplando toda minha existência. Embora eu me sentisse pequena, o momento parecia... grande. Muito grande.

— Em oitocentos metros, vire à esquerda — ecoou a voz da Siri pelo alto-falante, e direcionei o olhar para o lado esquerdo da estrada na montanha, procurando a entrada. Não sabia se estaria bem sinalizada ou se apareceria do nada.

Depois de um ou dois minutos, avistei um arco e um portão de madeira enorme. “Arco” não era a palavra certa — era mais como os três lados de um quadrado com um portão no fundo. Desacelerei o carro e saí da estrada, parando na frente daquilo. Perto do topo do quadrado, letras grandes de ferro formavam as palavras RANCHO REBEL BLUE. Acima disso, gravado na madeira, estava o contorno do que parecia ser o crânio de um touro. Ou boi? Era assim que se chamava?

O portão estava aberto e depois dele havia uma estrada de terra que parecia não ter fim. Olhei para o celular. O endereço que Weston havia me dado aparentemente ficava a mais ou menos um quilômetro e meio à frente.

Eu torcia de verdade para que os amortecedores do meu carro sobrevivessem. Tirei o pé do freio, respirei fundo e cruzei a entrada de Rebel Blue.

Aqui vamos nós.

Cinco



ADA

Por algum motivo, não me ocorreu que um rancho teria tantas vacas. Em teoria, eu sabia que com certeza haveria vacas. O que eu não sabia era que um monte delas bloquearia a estrada para o Casarão de Rebel Blue, que foi como Weston o chamou no e-mail.

Eu deveria ter me adiantado em quinze minutos.

Não me leve a mal. Amo vacas. Acredito firmemente que, se você passar por elas enquanto está dirigindo, tem obrigação legal de apontar para elas e dizer “Vacas!”. Mas esse foi o único modo que já vi uma vaca: pela janela de um carro, num campo, bem distante.

Agora as vacas e eu estávamos bem próximas. Elas estavam se aglomerando no meu carro como abelhas numa colmeia. Não sabia como aquilo tinha acontecido — ou o que fazer em seguida. Minhas janelas estavam abertas, e pensei em começar pedindo a elas que se movessem.

— Vocês poderiam se mover, por favor? — pedi, em voz alta.
— Eu realmente preciso passar. — Buzinei uma vez para enfatizar meu argumento.

Nada.

Será que elas sairiam do caminho se eu avançasse lentamente? Ou me tornaria sem querer uma assassina de vacas? Eu conseguiria matar uma vaca a um quilômetro por hora? Ou apenas a machucaria? Teria que pagar a conta do veterinário? Não conseguiria bancar um veterinário para uma vaca.

E se eu atingir mais de uma?

Ah, meu Deus.

Olhei para o celular. Eram nove e vinte e cinco da manhã. Pensei que podia dar a ré para voltar, mas essa ideia foi para os ares quando olhei para o retrovisor e vi mais vacas.

Certo, Ada, essas vacas estão entre você e seu futuro. Como você vai passar?

Peguei o celular, que estava conectado no meu cabo auxiliar — bem, numa daquelas coisas de fita cassete que tem um cabo auxiliar —, encontrei minha *playlist* do começo dos anos 2000 e aumentei o volume.

Dentro de segundos, “Move Bitch” saía dos alto-falantes. Aquilo ia funcionar. Elas não me escutavam, mas talvez escutassem Ludacris.

Pus as duas mãos no volante, pronta para acelerar pela abertura que surgiria de forma inevitável quando as vacas percebessem o que eu precisava.

Eu estava pronta.

Mas... nada aconteceu.

Ainda estava presa e — olhei para o celular de novo — oficialmente atrasada.

Joguei a cabeça no volante e bufei. As últimas doze horas não tinham sido nada boas para mim.

Mantive a cabeça baixa, pensando sobre toda a minha existência, até que ouvi uma voz.

A voz de um homem. E não era Ludacris.

Tirei a testa do volante e avistei dois homens a cavalo vindo em minha direção.

Também havia uma bola branca de pelo com eles.

O vaqueiro no cavalo cinza e branco se aproximou da janela do motorista, e eu rapidamente baixei a música. Eu esperava mesmo que ele estivesse ali para tirar as vacas do meu caminho.

Quando o olhei, me deparei com os mesmos olhos verdes que tinham me cativado no bar na noite anterior.

Arregalei os olhos.

— Ah, merda — escapuliu da minha boca antes de eu perceber o que dizia.

Eu deparei com as mesmas covinhas de matar que ficavam ainda mais perfeitas à luz do dia. Na minha cabeça, ele era um caubói porque eu estava em Wyoming e ele usava bota de caubói. Não pensei que fosse um caubói *de verdade*. Mas o homem na minha frente era um caubói por completo — do chapéu marrom até a calça de couro.

E o cavalo.

Claro.

— Bom te ver aqui — disse ele, arrastado. Minha boca secou. Quais eram as chances: na única vez em que dou uns amassos com um estranho ele acaba sendo funcionário do rancho que

também é o local do meu projeto? — Vamos tirar esse pessoal do seu caminho. — Ele parou. O outro funcionário estava trabalhando com as vacas, que começaram a se afastar do meu carro. Elas eram bem lentas, mas pelo menos estavam se movendo. A bola branca de pelo, que reconheci ser Waylon, o cachorro que me colocou em apuros, também estava ajudando. — Não recebemos muitas visitas. Está procurando algo?

O silêncio não era mais uma opção.

— Vim... vim me encontrar com Weston Ryder — balbuciei. — Começo a trabalhar hoje aqui.

O caubói alargou o sorriso. Ele me olhava como se soubesse de algo que eu não sabia, o que me deixou inquieta.

— Você é Ada Hart?

Ao que parecia, o rancho inteiro sabia que eu estava chegando.

— Sim — respondi, trêmula.

— Faltam uns quinhentos metros até você chegar no Casarão. Te encontro lá. — Ele tocou na ponta do chapéu para mim, e um arrepio percorreu minha espinha.

Minha atração por ele claramente não foi atenuada à luz do dia.

Antes que eu pudesse responder, ele começou a gritar para o outro homem e a movimentar seu cavalo em volta do carro. Tentei não olhar para ele, tentei não notar o jeito que as mãos enluvadas puxavam as rédeas, ou como as pernas se apertavam na sela do cavalo.

Depois de alguns minutos, as vacas tinham saído da frente, e meu caminho ficou livre. O caubói acenou com a cabeça, e eu

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Toda Pra Mim"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).